

UMA ARENA, UM MAPA, UMA DANÇA: ITINERÁRIO DE UMA PAIXÃO

AN ARENA, A MAP, A DANCE: ITINERARY OF A PASSION

*João Victor Sanches da Matta Machado*¹

*Marlon Augusto Barbosa*²



areia sf. ‘conjunto de partículas finas, de rochas em decomposição, que se encontram nos rios, no mar e nos desertos’ | arena XIII, arã XIII, area XIII etc. | Do lat. arēna. (...) | **arena** sf. ‘área central, coberta de areia, nos antigos circos romanos, onde combatiam os gladiadores e as feras’ ‘circo, anfiteatro’.

Dicionário etimológico da língua portuguesa

Arena. La arena del ruedo. La materia del riesgo, del suelo más ineluctable, donde la sangre de un animal prehistórico, feroz, se mezcla muy a menudo con la del hombre que pretende bailar con él. Asimismo es nombre del lugar arquitectónico donde coinciden miles de personas – miles de inquietudes, de soledades compañeras – que acuden a emocionarse para siempre con semejante danza, semejante peligro.

El bailaor de soledades, de Georges Didi-Huberman

Quando um leitor decide transformar em texto aquilo que ele leu, parece que um mapa começa a ser desenhado em sua mesa de trabalho. Um único livro evoca muitas vezes uma nuvem de outros livros. Colocados lado a lado, os olhos e as mãos do leitor constroem com esses livros um caminho para a leitura. O nascimento do leitor, desse modo, também aponta para a formação de um escritor. Trata-se de um *desígnio*, um desenho que com duras penas vai ajudá-lo a construir um caminho transitável por aquele texto que ele leu e que durante algum tempo viveu junto com ele.

Mas quase todo mapa desenhado pelas nossas mãos tem veredas que se bifurcam, caminhos que se entrelaçam e nem sempre seguem aquilo que a ele, o texto, foi designado. Esse nosso texto, por exemplo, que começa a ser escrito a quatro mãos, tinha como objetivo ser uma resenha, mas acabou despertando algo em nós – seus leitores – que o fez passar de resenha para um texto crítico sobre o método como Luci Ruas lê um texto. Trata-se quase sempre de um método ou, para ser menos categórico, de um traço que a nossa leitora desenvolve particularmente no seu contato com os textos que escolhe. No mapa que ela desenha, os autores dançam, entram em contato, se afastam, erguem um pé, estendem uma mão, balançam a cabeça, sorriem, passam de uma mão para outra: “dança-se”, segundo Georges Didi-Huberman, “para nunca se estar só” (Didi-Huberman, 2008, p. 13); mesmo que a dança implique uma solidão essencial do leitor.

Nesse caso, o que gostaríamos de dizer é que o livro **Na arena do texto**: estudos de literatura portuguesa, de Luci Ruas, publicado em 2023 pela editora Raquel, não é simplesmente um livro que recolhe textos sobre a literatura portuguesa do século XIX até o XXI, mas que também aponta para uma escrita que sabe pôr em diálogo diferentes instâncias. A escrita torna-se ressonância. O livro de Luci Ruas revisita não só uma parte significativa da literatura portuguesa, como revisita também a sua própria trajetória acadêmica — sua própria viagem, o seu próprio mapa traçado durante anos. Se o autor um dia esteve morto, o crítico, em suas leituras, cria uma espécie de sobrevida para esses autores. Essa é uma generosidade da crítica, uma generosidade de Luci Ruas: fazer os mortos falarem depois de tanto tempo: eles falam, saem da escuridão, de seus túmulos e das estantes das bibliotecas para sussurrar nos nossos ouvidos aquilo que, talvez, nem eles mesmos sabiam que tinham escrito. “Lázaro venhas para fora” (Blanchot, 1987, p.194) é o que recita Maurice Blanchot — autor caro à Luci Ruas. O que queremos dizer é que não se trata de um livro, e insistimos em dizer, sobre uma parte da literatura portuguesa, mas também de um livro sobre os modos como se lê a literatura.

Luci Ruas elabora uma cartografia diversa, caminhos cruzados entre a literatura e a crítica produzida em torno da literatura portuguesa. Seus textos são capazes de desenhar um mapa em que vozes e discursos de gêneros diversos em torno da obra de Raul Brandão, Vergílio Ferreira e Maria Gabriela Llansol se entrecruzam — dançam — nos caminhos abertos pela autora/leitora/legente. Com isso, queremos dizer que, apesar de reconhecermos a potência individual de cada ensaio que aparece no livro, pretendemos apontar que eles são como “vasos comunicantes”, que, citando as palavras de Luci Ruas sobre Llansol, “iluminam-se mutualmente”, oferecendo ao leitor “a possibilidade desconcertante de se empenhar numa travessia [que sugere a possível presença de um capítulo no outro]” (Ruas, 2015, p. 100). Esse, talvez, seja um dos traços que podemos encontrar no método implicado pela autora na sua produção ensaística.

Contudo, faz-se necessário deslocar a percepção de totalidade que essa iluminação mútua implicaria. Isso significa dizer que apontar uma unidade não significa designar uma resposta diretiva sobre o método da autora. Sendo assim, a proposta torna-se evidenciar que a estrutura interna da iluminação mútua entre os ensaios de Luci Ruas não assume um caráter linear. Não se pode deixar de reconhecer, seguindo Gilles Deleuze (1995), o princípio rizomático que as leituras em torno da literatura portuguesa aparentam assumir no processo dialógico de textos. Colocando os ensaios em diálogo podemos encontrar um procedimento de análise crítica que assume a responsabilidade de expandir os horizontes imagéticos que as narrativas analisadas expõem.

O que precisamos evidenciar no trabalho crítico da autora é justamente a forma como o mapa por ela criado não pretende apontar um percurso a ser seguido por nós, também leitores. O rizoma implica entradas e saídas por múltiplas veredas, um processo que demanda deslocamentos e sobreposições. Ruas nos convida a encarar o texto literário de forma rizomática, assim como são rizomáticas as possibilidades de atravessamento entre os ensaios presentes no próprio livro da autora. Assim, mesmo que o livro indique em seu índice quadros temáticos em torno de Raul Brandão, Vergílio Ferreira e Maria Gabriela Llansol, tais vozes não se restringem às fronteiras temáticas que o próprio livro parece indicar. É recorrente que as leituras de Raul Brandão pareçam evocar questões que prefiguram nas narrativas de Vergílio Ferreira ou que o próprio Ferreira se desdobre — sob a leitura atenta de Ruas — em também leitor de Brandão ou que as angústias que marcaram as obras de ambos esses autores ainda sobrevivam de forma fantasmática na narrativa de Llansol. Essas vozes, ainda que “enclausuradas” em seu universo ensaístico singular, pela própria forma difusa que o ensaio carrega, rompem as paredes do texto pelos caminhos abertos nas leituras de Luci Ruas em seu livro.

O mapa desenhado exige — exigência aqui pensada como trabalho — ainda nossa leitura atenta para que se percebam os desníveis, retornos e encruzilhadas que ressoam ao longo de dois séculos do campo literário português. Na totalidade de seus ensaios, organizados nesse **Na arena do texto**, encontramos essa possibilidade de reconhecermos um método, mas na singularidade de seus ensaios propomos a liberdade da errância entre as leituras das obras literárias visitadas por Luci Ruas ao longo do seu percurso acadêmico. As veredas abertas por Ruas, portanto, ao assumirem um viés intrinsecamente rizomático, nos mostram caminhos marcados por tempos, espaços e temas que sobrevivem entre as produções literárias dos três autores estudados.

Guiando nossas leituras pela literatura portuguesa entre os séculos XIX e XXI lemos de forma fantasmática o sentimento de perda e um desejo de sobrevivência que acompanham o dilaceramento do ideal projetado como parâmetro de identificação da cultura portuguesa. Luci Ruas é a guia. Ao modo de um outro Vergílio, o Virgílio que acompanhava Dante no Inferno: ela aponta os caminhos, segura na mãos dos leitores, faz os mortos saírem de suas tumbas e lhes pede que contem a sua história.

Essa maestria com a qual Luci Ruas elabora os caminhos pelos textos literários já nos é apontada no prefácio escrito por Lélia Parreira Duarte, ao apresentar os diálogos e temas recorrentes da produção de Ruas, concluindo que: “[como] se pode observar, praticamente todos os textos analisados por Luci Ruas, neste livro, são vistos como realizações não definitivas, porque lugares de imperfeição: exigem eles a presença de outros olhares que lhes deem surgimento e os completem” (Ruas, 2023, p. 15).

É importante encarar esses traços apontados por Duarte, construídos em torno do sentido de imperfeição ou indefinição, não como um aspecto de negatividade, implicando uma aparente incompletude. É justamente o sentido oposto que o prefácio escrito pela professora Lélia Duarte nos faz ver. Nele, ficam marcadas as percepções potencializadoras que o aspecto lacunar do ensaio assume na escrita de Luci Ruas. Sendo a própria Lélia Duarte um desses olhares convidados a fazer ressoar as imagens construídas pela professora Luci Ruas. A apresentação que faz dos textos já insere no corpo do livro mais um outro horizonte crítico em torno das obras dos autores abordados. É um outro mapa. Essa resenha, portanto, encontra-se inserida nessa cadeia de sentidos e afetos compartilhados *na arena do texto*, lida e estabelecida por Luci Ruas, fazendo ecoar vozes dos romancistas trabalhados, da própria autora e agora de seus leitores em expansão — desenhando outros mapas, estabelecendo novas danças. A solidão da leitura transforma-se em uma comunidade de legentes, e o ensaio, eminentemente, vai demandar — vai solicitar — aos seus leitores que não permaneçam confortáveis ou conformados perante as ideias expostas e as imagens abordadas pela própria autora.

Não permaneçamos confortáveis e nem esqueçamos, portanto, que a arena evoca encontros, embates, rupturas e conciliações. As camadas em que essa arena se constroi mostram-se cada vez mais diversas, seja no nível do texto literário, da leitura estabelecida pela professora Luci Ruas ou pela agora comunidade de leitores que se debruçam sobre seus ensaios. Mas quais são os percursos que a leitura dos romances permite que percorramos? No enfrentamento com os romances, que promove Luci Ruas, desenha-se uma cadeia de imagens carregadas do sentido que a leitora parece reconhecer a partir do deslocamento de uma forma de fazer literário. Das narrativas entre o século XIX e XXI podemos ver um indício, já adiantado por Raul Brandão, elaborado por Vergílio Ferreira e aprofundado por Maria Gabriela Llansol: de uma fragmentação da totalidade que o sujeito e a própria forma literária pareciam assumir.

Os autores, portanto, assumem referencial relevante no mapa que Luci Ruas desenha. O corpo do autor e do texto são resultado de uma relação mútua de afeto, indício que Luci Ruas assume ao escrever junto com Roland Barthes na apresentação do seu livro: “[um] texto é um corpo feito de palavras e de silêncios. A relação entre o corpo leitor e o corpo escrito é, sem dúvida uma relação de afeto reciprocamente considerada, aí incluído o autor, esse corp’á escrever” (Ruas, 2023, p. 19).

Sendo assim, pensar um trabalho crítico atento aos elementos de afeto e a relação de reciprocidade entre o corpo do autor e do texto significa se tornar responsável por expor a correlação entre vida e obra sem, no entanto, impor o imperativo de uma sobre a outra. Esse é o cuidado que assume Ruas ao reconhecer a inevitabilidade do contexto em que o autor está inserido, sem deixar de privilegiar a possibilidade de o texto transpor essa inevitabilidade, provocando um curto-circuito entre essas duas instâncias que parece incorrer da contemporaneidade dos romances estudados.

O próprio conjunto de ensaios organizados nessa edição, como assume a própria autora, não deixa de ser um retrato dos afetos construídos a partir do contato com essas narrativas ao longo de sua vida acadêmica. O que fica evidente é que essa cadeia de afetos incide tanto no corpo escrito, quanto no corpo que escreve, para salientar a natureza transitória da leitura que podemos elaborar sobre ambos.

Agora talvez seja possível adentrarmos o texto de Ruas tendo em mente que a rigidez de uma leitura que se conforme apenas em aspectos temáticos, formais ou contextuais das narrativas abordadas não será parâmetro condicionante de qualquer um dos ensaios. Não obstante, o que vemos é um desejo de fazer dialogar esses elementos, seja em aspectos teóricos ou críticos, no encadeamento de imagens que os próprios autores estudados evocam, ou que a ensaísta propõe como cadeia de sentidos relevantes no trabalho com cada texto literário. Não se pode observar um olhar a priori, mas sim um contato direto com o *corpo* escrito para buscar nele o que o afeta do *corpo* que escreve (de maneira mútua) e, nessa dimensão agora encarada por nós, do *corpo* que lê. Afeto, portanto, é encarado aqui como um motor para o movimento e a transitoriedade, seja entre tempos, sujeitos, narrativas, ou mesmo entre os próprios ensaios.

É pela obra de Raul Brandão que se inicia o percurso trilhado na leitura de Luci Ruas. Não por **Húmus**, obra de 1917, que Ruas parece encarar como consagração mais tardia da trajetória literária do autor. O segmento em que a obra de Brandão se encontra, que recebe o título nessa edição de “Parte I — Raul Brandão: um escritor entre dois séculos”, já fala para nós leitores do caráter finissecular em que a obra desse autor se encontra. A imagem que permeia o início da nossa leitura é a do atravessamento, como quem adentra uma *selva escura*, para que se faça a passagem entre os séculos, em um arco que acaba por encarnar a desesperança ao assumir o sentido impresso pelas narrativas de Brandão em seu ímpeto de desenhar as imagens de Portugal no texto literário: “Deixai toda esperança, ó vós, que entraís” (Dante, 2006, p. 94).

Brandão como *autor* e Luci Ruas (e nós conjuntamente) como leitora, adentram o espaço literário português com **As Ilhas Desconhecidas** (1926), resultado da viagem realizada pelo autor ao arquipélago dos Açores e da Madeira em 1924. Deixando clara a angústia do autor com a situação dos subalternizados e explorados, aqueles que vivem à margem dos espaços

cidadinos nessas duas primeiras décadas do século XX, o autor imprime o incômodo do corpo que escreve com o espaço que atravessa. Esse afeto ganha forma na narrativa, enriquecida na leitura de Ruas pela forma aguçada com que ela reconhece os princípios de um expressionismo que é inaugurado por Brandão e que vai sobreviver como chave de leitura da ensaísta no intertexto com os demais autores nos demais ensaios do livro. Com isso, queremos apontar como a leitura de Ruas valoriza a transformação que a paisagem dos arquipélagos parece assumir através do olhar de Brandão transfigurado em sua narrativa. Como escreve Luci Ruas:

Descrever paisagens, cenas as mais variadas, seres disformes é tarefa de um narrador que constrói essa paisagem desconforme, atravessada pelo grito de pavor e pela dor incomensurável, que mais se acentua quando posta em confronto com o humano cuja razão se compromete, quando as alternativas para viver se afunilam e não permitem uma saída (Ruas, 2023, p.27).

A imagem indicada é aproximada diretamente pela autora ao quadro **O grito**, de Edvard Munch, ao qual a ensaísta atribui o significante de uma angústia que a composição da imagem consegue imprimir. Assim, a cena que se pinta na literatura, no percurso de imagens construído pela atenta leitura de Luci Ruas, faz saltar aos olhos uma cadeia de significantes e afetos que Raul Brandão constrói com as suas ilhas. A expressão que toma forma no seu texto não deixa de ser um jeito de dizer o mundo que ganha força a partir da virada para o século XX. É no diálogo entre tempos, espaços, gêneros e formas de discurso de diversos suportes artísticos que Ruas consegue desenhar um percurso implicado no desconcerto do sujeito com o mundo. Desconcerto que vai sobreviver como possível caminho de leitura para continuar elaborando o atravessamento dos textos e vozes que marcam o campo literário português.

A decomposição do sentimento moderno que a transição para o século XX já parecia impor ao que é elaborado por Raul Brandão nas imagens recorrentes em **Húmus** se torna, a partir do olhar de Luci Ruas, o ponto comum entre as vozes do próprio Brandão e Vergílio Ferreira. É pelas ruínas de dois tempos que Vergílio passa a nos acompanhar nas leituras elaboradas nos ensaios de Luci Ruas. Nelas se encontram os primeiros sinais da angústia que a narrativa desse autor parece carregar. Luci Ruas indica que não se trata de um anti-romance, pensando como **Húmus**, inserido em seu tempo não se realizava como um desafio aos elementos esperados pela produção romanesca da época sem abdicar das estruturas tradicionais de narrativa, contudo deslocando a rigidez delas.

Como indica a própria autora:

Húmus é o romance de um tempo limiar (...) O que nele ocorre é a série discussão sobre o que significava fazer romance naquele momento histórico. Não me parece, tampouco, que a época fosse propícia à construção de personagens heroicas, capazes de transpor obstáculos intransponíveis. Nem é o nosso tempo o tempo de grandes histórias para contar (Ruas, 2023, p. 55).

Essa leitura reconhece que a narrativa inaugura uma representação deslocada das imagens heroicas do tempo em que se inseria. O caminho indicado pela obra de Raul Brandão é um sinal de que Luci Ruas assume obra do autor como um ruído capaz de ressoar em demais vozes do campo literário português. Isso se dá pelo sentimento de coletividade implicado no exercício crítico presente nos ensaios. Ruas realiza seus percursos acompanhada por outros olhares sobre a narrativa de Brandão e demais autores, em especial com Vergílio Ferreira — voz que fica inserida no texto não como objeto de leitura, por enquanto não, mas sim como também leitor de Raul Brandão. O que as leituras apontam, portanto, é como a relação do narrador com uma certa condição limiar implica na sensação de um constante tempo suspenso. A estrutura da narrativa se faz em desvios produzidos pela memória, ressaltando o imobilismo das personagens presas ao imobilismo do cotidiano. Essa relação entre tempos e camadas da narrativa fica clara na seguinte passagem em que Luci Ruas afirma que:

São contraditórios os signos que determinam ao discurso a sua caracterização – mesmo paradoxais. Por mais paradoxais que sejam, entretanto, refletem pontos de vista de dois tempos distintos: um, tempo de agora, de aguda e violenta crítica ao que era; outro, em que as coisas se ouvem na memória, “nos limites da memória” – diz-nos Vergílio Ferreira – e lá ficam, fora de qualquer possibilidade de inserção num tempo determinado, ultrapassando-o, para se caracterizarem como mitos (Ruas, 2023, p. 60).

A imobilidade, encarnada na imagem da morte, na impossibilidade de movimento do tempo, sobressai na leitura de Ruas como indício das questões que ainda seriam levantadas pelo pensamento filosófico do novo século que iniciava. A estrutura labiríntica é responsável pela perda de referencial e também carrega traços de uma estrutura narrativa que assumiria ainda mais relevância ao longo do século XX. Os caminhos em que se perde o narrador, entre os tempos da sua memória, acarreta nesse labirinto que implica na impossibilidade de se encontrar uma resolução para as questões que atravessam a narrativa. Não encerrar essas questões imprime um processo constante de elaboração, sem que se alcance de fato a superação do trauma. O que fica latente na estrutura do romance é o sintoma de inadequação presente na virada do século XIX para o XX. Essas questões, portanto, são colocadas através do olhar de Luci Ruas e também de Vergílio Ferreira, autor-companheiro-guia-interlocutor nas leituras dos ensaios que, em si mesmos, encarnam uma forma labiríntica/rizomática (Deleuze, 1995).

O emaranhado de imagens e vozes que se intercalam ao olhar de Vergílio Ferreira pela leitura de Luci Ruas assume um caráter ainda mais plural no segmento em que são contidos os ensaios sobre o autor intitulado “Parte II — Vergílio Ferreira, um humanista”. Na viagem pelo campo literário português, esboçada pelo olhar de Ruas, Vergílio permanece uma figura presente, ora leitor, ora obra, ora sujeito, na medida em que assegura uma referência material e subjetiva no trato com a matéria literária. Vergílio é figura

fantasmática essencial que desde a sua tese de doutorado intitulada **Vergílio Ferreira: itinerário de uma paixão** orientada por Cleonice Berardinelli a acompanha. Como não deixar de destacar que o mapa já estava inscrito no itinerário da tese? Como deixar de destacar a paixão pelo percurso?

Como afirma Ruas, em diálogo direto com Vergílio Ferreira:

O artista e, conseqüentemente, a arte, antecipam, no tempo, verdades escondidas pelas circunstâncias que envolvem o homem e a sociedade: ‘Por vezes a revelação é incompreensível porque nossos hábitos são cegos como a estabilidade de um muro’ (Ferreira, s.d., p.31). Nem todos os artistas que hoje sabemos consagrados conseguiram esse efeito no seu próprio tempo (Ruas, 2023, p. 103).

Assim, os ensaios de Luci constroem um mapa em torno da obra de Vergílio Ferreira, em que seu tempo é lido, não em seu sentido cartesiano, mas com seus atravessamentos, avanços e sobrevivências. O que permite esse efeito/afeto/paixão sobre seu tempo é a possibilidade da literatura e da crítica de transformar e transportar a perspectiva enrijecida da história linear. É pelo método de leitura e escritura que Vergílio Ferreira, e também Luci Ruas, constroem novos caminhos com as narrativas abordadas sem nunca esquecer os passos daqueles que vieram antes. Não parece coincidência que seja esse o capítulo iniciado com a frase de Vergílio Ferreira em entrevista ao jornal: “Vou entrar no Paraíso a escrever” (Ferreira, 1991, p.5, *apud* Ruas, 2023, p. 101). O que fica marcado é o destino que parece apontar uma outra dimensão. O gesto de escritura surge no corpo do ensaio como mecanismo de atravessamento para o destino que transcende a imposição aguda da materialidade do tempo. “Vou entrar no Paraíso a escrever” — Vergílio certamente é o guia que Dante perdeu.

Guardadas as devidas hipérboles, não podemos perder de horizonte o significado que assume a condução realizada por Vergílio até o terceiro momento dos ensaios de Luci Ruas. Sem nos abandonar no paraíso, seu olhar continua presente na atenção que dirige à obra de Maria Gabriela Llansol. Alegoricamente, os ensaios destinados à obra de Llansol assumem a imaterialidade do paraíso a partir de um objeto concreto, nomeado no título da “Parte III — Maria Gabriela Llansol, um corp’ a escrever”. Mesmo que paradoxal, a imersão no universo da obra de Llansol se sustenta a partir de um referencial aparentemente concreto — o *corpo*. Então temos que questionar o sentido que esse *corpo* poderia assumir como referencial do corpo da autora e redimensionamos em sentido mais amplo o significante *corpo*. Passamos, assim, a reconhecer como esse *corpo* implica uma cadeia de sentidos que compõem a figura de Maria Gabriela Llansol como autora, leitora, ou ainda espaço de sobrevivência de outros tempos.

Retomamos, portanto, ao aspecto estruturante desse método de leitura dos ensaios de Luci Ruas, prestando atenção no sentido amplo que os referencias podem assumir. Sendo leitora ou objeto literário, Maria Gabriela Llansol é o destino do percurso que iniciamos ao adentrarmos o campo da

literatura portuguesa contemporânea. Em um jogo borgiano de reescrita, poderíamos assumir o significado que o nome Maria imprime no próprio percurso dantesco: uma imagem que não pode ser apreendida em totalidade. Seu projeto literário — o de Maria Gabriela Llansol — não se inscreve em um espaço circunscrito pois amplia sempre os horizontes procurando um constante processo de aprendizado. Sendo assim, o *corpo* acaba por se tornar outro espaço de atravessamentos, um mapa/labirinto/rizoma possível se o percebemos como deslocamento de referencial presente de forma corriqueira na produção literária de Llansol. A forma como o sujeito é lido não pela sua singularidade, mas pela dimensão universal da sua subjetividade, fica evidente na maneira como Luci Ruas trata do romance **Os cantores de leituras**:

Não são personagens que suportem uma biografia definida, ou identidade que os individualize. O eu que fala é uma entidade deslizando, que não se fixa nesse ou naquele, mas circula entre figuras, e cede à ideia de comunidade, onde habitam muitos. O eu é plural (Ruas, 2023, p. 195).

A indeterminação do *eu* explode, portanto, o sentido de dilaceramento do sujeito elaborado por Raul Brandão e Vergílio Ferreira ao longo do percurso de nossas leituras desde o século XIX, nos ensaios de Luci Ruas. Mas, diferente da impossibilidade de se avançar na elaboração do luto, o desejo de conclusão parece ser visto como algo superestimado. O trabalho de elaboração de uma trama em torno da literatura portuguesa agora nos parece ser bem mais do que apenas um estudo crítico. Fica evidente que o arranjo de imagens e sobreposição de vozes e olhares permite que tenhamos outra perspectiva sobre o que significa fazer crítica. Talvez pela possibilidade de atravessarmos essa curadoria de ensaios em sua totalidade a partir dessa publicação, talvez pelo próprio desejo da ensaísta em transmitir seus afetos literários de forma obstinada ao longo do trajeto literário, mas os estudos de Luci Ruas parecem apontar para a importância do fazer crítico assumir uma responsabilidade metodológica. Essa responsabilidade se faz em torno do desejo de se abrir novos caminhos ao se ler o outro como exercício de alteridade, tendo consciência da herança que o tempo sempre imprime no corpo escrito e no corpo que escreve. Essa herança fica organizada nessa edição de **Na arena do texto...**, sendo um trajeto acadêmico agora concentrado em um arquivo de **estudos de literatura portuguesa**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Cristiano Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **El bailaor de soledades**. Tradução de Dolores María Aguilera. Valência: Pre-textos, 2008.

RUAS, Luci. Lisboa Leipzig: Música e literatura em fulgor narrativo. **Meta-morfoses** – Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. (100-110), junho, 2015.

_____. **Na arena do texto**: estudos de literatura portuguesa. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

Recebido para avaliação em 03/02/2024.

Aprovado para publicação em 20/02/2024.

NOTAS

1 É pesquisador de pós-doutorado em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Possui doutorado e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas com área de concentração em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ.

2 Professor Adjunto de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Investigador associado da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros. Foi pesquisador de pós-doutorado em Literatura Portuguesa (bolsista de Pós-Doutorado Nota 10 da FAPERJ). Possui doutorado (2021) e mestrado (2017) em Teoria Literária e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ.

Apoio:



*Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal Fluminense (GPL/UFF)*

*“Apoiado pela Universidade Federal Fluminense com recursos do
Programa Auxílio Publicação - PROPP, 2014”*

Realização:

Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF (NEPA)

COLABORADORES

Diana Pimentel
Luís Maffei
Marcio Tavares d'Amaral
Rafael Santana
Inês Hortas Marques
Carlos Roberto dos Santos Menezes
Paulo Alberto da Silva Sales
Paulo Alex Souza
Paulo Braz
João Tiago Lima
Felipe Cammaert
Ivan Takashi Kano
Tatiana Pequeno
Nuno Brito
Ana Beatriz Matte Braun
João Victor Sanches da Matta Machado
Marlon Augusto Barbosa

ISSN 1984-2090



9 771 984 2090 00